

INFÂNCIAS, JUVENTUDES, NARRATIVAS E DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE CRIANÇAS E SUAS RELAÇÕES COM OS SABERES DOS ESPORTES COM TACO

Pedro Gabriel Viana do Amaral

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

pedrogabrielviana@gmail.com

Financiamento: não se aplica

Resumo

Este trabalho buscou compreender o que move crianças, de 7 e 8 anos, a aprenderem Esportes com Taco, por meio de duas perspectivas teórico-metodológica: as relações com os saberes (Charlot, 2000; Venâncio, 2014); e as narrativas autobiográficas dos estudantes e do professor-pesquisador (eu) (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011; Moraes; Souza, 2016).

Para guiar a escrita, elaborei as seguintes indagações: em qual contexto a escola está situada? Quais são as características dessas crianças? Qual é a identidade deste professor-pesquisador (eu)? Quais eram minhas expectativas? Como foi o percurso de aprendizado em Esportes com Taco? De que maneira os colegas (pares) e o adulto impactaram nas experiências de aprendizagem? Quais relações foram construídas com esta prática corporal?

Considerando a escolha de se pesquisar com crianças, estabeleço diálogo com a sociologia da infância que sugere que estes sujeitos são frutos de seu tempo, contexto social, cultural, políticos e atravessados por diferentes marcadores sociais, como: raça, etnia, gênero, sexualidade, religião (Heywood, 2004; Prout, 2010; Almeida, 2009; Sarmento, 2007). Por isso, faz-se necessário o cuidado em legitimar seus modos de leitura e compreensão de mundo, evitando “adultizar” ou estereotipar este processo.

Neste sentido, os campos teórico-metodológicos das pesquisas autobiográficas e das relações com os saberes, vem produzindo estratégias, reflexões e caminhos que valorizam as produções das crianças, indicando que estes sujeitos são capazes de narrar sobre sua vida, refletir sobre ela e apontar pistas sobre o que desejam aprender (Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016; Santos *et al.*, 2015).

A escola, onde ocorre esta investigação, está localizada na região centro-sul de Belo Horizonte e atende um público de classe média-alta, majoritariamente branco. As aulas de Educação Física aconteceram em um clube próximo da instituição, que dispõe de quadras, piscinas, salões de dança e brinquedos - infraestrutura que as crianças utilizavam tanto no período letivo, quanto no contraturno. O professor-pesquisador (eu) é um homem branco, gay

e gordo. A turma era composta por 27 crianças, 12 meninas e 15 meninos, que cursavam o 2º ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental e se aprofundavam acerca da temática “Esportes com Taco”. Esses esportes são compostos por modalidades que tem como objetivo rebater uma bola lançada ao adversário o mais longe possível, marcando pontos à medida que se percorre as bases, enquanto os defensores não retomam a bola (Beisebol é um exemplo) (Brasil, 2018).

Ao selecionar este objeto de conhecimento, minha intenção era desafiar as crianças com regras e dinâmicas não convencionais, buscando mobilizar as relações interpessoais, as aprendizagens motoras e discussões transversais sobre diferentes temas, especialmente atrelado as questões de gênero - dado que alguns meninos performavam estereótipos da masculinidade e acreditavam ter mais habilidades que as meninas. O objetivo era que, ao final do processo, ampliassem seu repertório de conhecimentos e adquirissem novas perspectivas sobre o mundo.

Nossas vivências aconteceram na quadra poliesportiva do clube, em que foi preciso adaptar tanto as regras das modalidades quanto seus implementos, como: o taco, que foi substituído por espaguete aquáticos; as bolas, por bolinhas de tênis ou balões; e os alvos/bases, por gols, bambolês ou marcações da quadra. Ao longo das aulas, perpassamos por brincadeiras de iniciação esportiva, Golfe, Hockey e Beisebol. Registramos o processo por meio de fotografias, vídeos, desenhos e falas das crianças (tanto no cotidiano quanto na avaliação final, por meio de entrevista) construindo um acervo relacional de narrativas autobiográficas.

Diferentes relações com os saberes foram construídas ao longo do processo. Para elencá-las, estabeleço um diálogo com as figuras do aprender (Charlot, 2000), sendo estas: Objeto-Saberes – brincadeiras de iniciação esportiva, Golfe, Hockey e Beisebol; Objetos de Domínio – bola, balão, espaguete, bambolês, lápis, câmera; Habilidade de Domínio – passar a bola, arremessar, rebater, lançar, correr, coordenar diferentes movimentos, fotografar, desenhar; Dispositivos Relacionais – competir, cooperar, torcer, discutir, brigar, resolver, transgredir, ética, conduta desportiva.

Estas experiências possibilitaram com que as crianças dispusessem de mais recursos (orais, desenhos, escritas e fotografias) para narrar sobre suas aprendizagens, compondo um acervo de “aprenderes” que indicavam pistas sobre o que as mobilizou, sendo estas: a importância em fotografar os amigos, valorizando suas habilidades e os sentimentos de felicidade com a prática; os objetos, principalmente bolinha e balão, enquanto móveis que, além de os desafiar a equilibrar, controlar e passar para outro, mantinham seu engajamento nas propostas; aprender as regras e as dinâmicas destes esportes, sem perder de vista a

dimensão lúdica; a torcida, que foi algo significativo nesta relação, pois, de acordo com as crianças, ao ouvirem o seu nome, dito pelos colegas, se sentiam mais confiantes e seguras para as vivências; e, ao narrarem sobre a relação com o professor-pesquisador, apontaram sobre sua felicidade e segurança com as aulas, indicando que os cuidados em valorizar suas conquistas e propor dinâmicas que os deixassem confortáveis para errar, acertar e se aproximar, a seu modo, destas práticas, revelaram-se proveitosas.

As narrativas das crianças lançam luz sobre as experiências relacionais na troca eu-outro, indicando que o engajamento do sujeito, acerca de um determinado saber, está intimamente atrelado a presença do outro e ao pertencimento no grupo. Vale ressaltar que este processo também mobiliza relações de tensionamento, presentes em quaisquer grupos sociais que constroem modos de (co)existir e ler o mundo, mas, ainda que suas conquistas individuais se mostrassem importantes, elas precisavam de alguém que as reafirmassem – sejam os pares ou o adulto.

Portanto, as vivências com os Esportes com Taco revelam que as aulas de Educação Física precisam proporcionar tempos e espaços em que os estudantes narrem sobre suas aprendizagens a partir de diferentes linguagens (escritas, desenhos, vídeos, orais, dentre outras), adensando suas leituras de mundo, construindo seus sentidos e significados próprios nas relações que estabelecem consigo, o outro e o mundo.

Palavras-Chaves: Narrativas Autobiográficas; Infâncias; Educação Física Escolar.

Referências:

ALMEIDA, Ana Nunes de. **Para uma sociologia da infância**. Lisboa: Imprensa das ciências sociais, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Dados Eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

MORAES, Dislane Zerbinatti; SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa (auto) biográfica em análise: entre diálogos epistemológicos e teórico-metodológicos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 1, n. 1, p. 10-13, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; DE OLIVEIRA, Roberta Antunes Medeiros. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, p. 111-125, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. In: **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, p.729-750, set./dez. 2010.

SANTOS, Wagner; MATHIAS, Bruna Jéssica; MARTINS, Juliana Cassani Matos; VIEIRA, Aline Oliveira. Avaliação na educação física escolar: reconhecendo a especificidade de um componente curricular. **Movimento**, v. 21, n. 1, p. 205-218, 2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: Vasconcellos & Sarmento, Manuel (Org). **Infância (In)Visível**. Araraquara: Junqueira & Marin Editores (25-49), 2007.

VENÂNCIO, Luciana. **O que nós sabemos?** Da relação com o saber na e com a educação física em um processo educacional-escolar. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. São Paulo: Presidente Prudente, 2014.